



## **Resumo da parte introdutória do livro “O queijo e os vermes”, de Carlos Ginzburg**

O século XVI, assim como muitos períodos da História foi marcado por confusões e descobertas. As Grandes Navegações ampliavam o conceito de Mundo, a Europa vivia a Inquisição, e a Igreja que se preocupava em mitigar a heresia, viu-se de frente a mais um óbice, o Protestantismo. Em “O queijo e os vermes”, 1976, Carlos Ginzburg remonta o cenário europeu a partir de estudos sobre as classes populares italianas do século XVI, apresentando o Domenico Scandella conhecido por Menocchio. O moleiro friulano, que mais tarde seria condenado por ordem do Santo Ofício a morrer queimado, deixou poucos escritos que ajudou Ginzburg e outros historiadores não somente a compreender sua figura reflexiva e pouco temente, mas também a entender uma parte da sociedade recôndita, a conhecida por classe inferior ou como anteriormente citado, classe popular, mais especificamente sobre a sua cultura que foi ofuscada pela cultura dos mais abastados.

Pouco se sabe sobre o sistema cultural que era criado nos vilarejos europeus, parte dos documentos não retrata com total fidelidade ao que se perpassava dentro desse sistema, já que a cultura popular era passada pela oratória, pois era raro encontrar um minimamente alfabetizado naquele meio. Grande parte dos escritos foram formulados por pessoas com algum tipo de ligação com os mais ricos, e esses vituperavam a cultura popular, distorcendo-a. Pesquisadores e historiadores como Robert Mandrou e Geneviève Bollème, inferem algumas formas de como interpretar tais culturas. Mandrou, afirmou que era preciso estudar qual cultura era imposta à população, dessa forma ele analisou documentos que eram criados para alimentar uma imaginação fértil na mente dos que formavam a base da pirâmide social. A tática de Mandrou ultrapassa qualquer dificuldade inicial obtida, levando o historiador a um ponto de partida para a compreensão da repressão cultural que o povo sofria. Já Bollème, deduz sobre uma cultura popular baseada por valores religiosos, onde pregava a humildade e pobreza de Jesus Cristo, o que entrava em contrapartida ao que se via dentro da Igreja com a venda de indulgências e a construção de templos extraordinariamente grandes. Assim, formava-se uma cultura destinada ao povo e não “do povo”, expondo uma limitação ao conhecimento de que tal cultura era criada pelas classes dominantes.

Portanto, “O queijo e os vermes” não deixa de ser uma história, todavia atua também como um escrito histórico já que relata fatos, e reforça os estudos não somente de um leitor comum, mas também de um historiador, mesmo que o livro tenha um pouco de criatividade do autor.

**Docente: Débora Simões**

**Disciplina: História**

**Discente: Fábio de Paula Jesus Gondim**